

PIB do Brasil cresce 0,2% no 2ºT/18 e arrefece trajetória de recuperação

Confiança da indústria gaúcha se recupera parcialmente

Com melhora das expectativas, intenção de investir volta a crescer

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

PIB do Brasil cresce 0,2% no 2ºT/18 e arrefece trajetória de recuperação

A atividade econômica permanece praticamente estagnada desde o 3ºT/17.

Na última sexta-feira, o IBGE divulgou os resultados do PIB do Brasil no segundo trimestre de 2018. A economia brasileira cresceu 0,2% entre abril e junho na comparação com o período de janeiro a março, já considerando o ajuste sazonal. O lado positivo foi o País registrar o sexto avanço consecutivo após oito trimestres de queda nesta base de comparação, apesar dos efeitos da crise no setor de transportes ocorrida no final de maio. No entanto, cabe destacar que as taxas dos dois trimestres anteriores foram revisadas para baixo – de crescimento de 0,2% para estabilidade no 4ºT/17, e de avanço de 0,4% para 0,1% no 1ºT/18 –, mostrando que a recuperação ocorre em ritmo menor do que se imaginava.

Em função das frequentes mudanças nas séries com ajuste sazonal, as comparações dos resultados frente aos mesmos períodos do ano anterior – utilizando as séries sem ajuste sazonal – se mostram mais estáveis e, portanto, melhores para descreverem os resultados do trimestre. Nesse tipo de confronto, o PIB cresceu 1,0% ante o segundo trimestre de 2017, uma desaceleração em face do avanço de 1,2% observado no trimestre anterior e de 2,1% nos últimos três meses de 2017.

Pela ótica da oferta, o destaque negativo veio da Agropecuária com queda de 0,4% na comparação com o segundo trimestre do ano passado, resultado bastante influenciado pela perda de produtividade nas culturas de milho (-16,7%) e arroz (-7,3%). Na Indústria (+1,2%), houve crescimento na Transformação (+1,8%), influenciada principalmente pela produção de veículos, equipamentos de informática e derivados do petróleo. Porém, o resultado representa uma desaceleração frente ao avanço de 4,0% observado no trimestre anterior. No mesmo sentido, o setor de Energia e saneamento (+3,1%) e Extrativa mineral (+0,6%) também apresentaram crescimento. A Construção (-1,1%), por sua vez, registrou a 17ª queda trimestral consecutiva, a menos intensa desde o início do período recessivo. Por fim, os Serviços registraram avanço de 1,2%, o quarto resultado positivo em sequência, com destaque para as Atividades imobiliárias (+3,0%).

Pela ótica da demanda, o setor externo contribuiu negativamente, com as importações crescendo 6,8% frente ao segundo trimestre de 2017 e as exportações caindo 2,9% na mesma base. Pelo lado da absorção doméstica, o consumo das famílias (+1,7%) cresceu pelo quinto trimestre consecutivo. O resultado pode ser explicado pelo comportamento dos indicadores de crédito para pessoa física, bem como das taxas de inflação e de juros mais baixas que as registradas no segundo trimestre de 2017. Já a Formação bruta de capital fixo (investimentos) cresceu 3,7%, a terceira alta consecutiva após 14 trimestres consecutivos de

retração. Esse resultado reflete o crescimento da importação e produção interna de bens de capital, compensando o desempenho negativo da construção. Por fim, o consumo da administração pública avançou 0,1%, a primeira alta após cinco trimestres de queda.

Por fim, no acumulado em quatro trimestres, a alta do PIB foi de 1,4%, uma leve melhora frente ao apurado no trimestre anterior (+1,3%). Nessa base, pelo lado da oferta, chama a atenção o resultado ainda muito negativo da Construção (-2,4%), contrastando com o bom desempenho da Transformação (+3,5%). Pelo lado da demanda, o crescimento do Consumo das famílias (+2,3%) e da FBKF (+2,6%) compensaram a queda no Consumo do governo (-0,4%) e o saldo negativo do setor externo (Exportações: +4,7%; Importações: +7,1%).

Portanto, os dados confirmaram o fraco desempenho da economia em um trimestre marcado pela greve dos caminhoneiros e seus desdobramentos. Contudo, observa-se que a atividade econômica agregada permanece praticamente estagnada desde o 3ºT/17, ou seja, a perda de dinamismo já vem de mais tempo. Uma combinação de diversos fatores atrasa a retomada da economia e torna o futuro do País bastante desafiador, dentre os quais se destacam: 1) incertezas eleitorais que abalam a confiança dos agentes e travam investimentos; 2) mercado de trabalho deteriorado, com desemprego elevado, crescimento da informalidade e uma grande parte dos desocupados desistindo de procurar trabalho (desalento); 3) apesar da queda da taxa SELIC, o mercado de crédito ainda se mostra estagnado; 4) quadro fiscal extremamente desafiador, principalmente em função da não realização da Reforma da Previdência. Soma-se a essa gama de fatores um cenário internacional cada vez mais turbulento, com disputas geopolíticas que pressionam os países emergentes.

PIB do Brasil – Var. % real

	2º TRI 18/ 1º TRI 18*	2º TRI 17	Acum. em 4 trim.
PIB	0,2	1,0	1,4
OFERTA			
Agropecuária	0,0	-0,4	2,0
Indústria	-0,6	1,2	1,4
Extrativa mineral	0,4	0,6	0,3
Transformação	-0,8	1,8	3,5
Energia e saneamento	0,7	3,1	1,0
Construção civil	-0,8	-1,1	-2,4
Serviços	0,3	1,2	1,4
DEMANDA			
Consumo das famílias	0,1	1,7	2,3
Consumo da adm. pública	0,5	0,1	-0,4
FBKF	-1,8	3,7	2,6
Exportação	-5,5	-2,9	4,7
Importação (-)	-2,1	6,8	7,1

Fonte: IBGE. * Com ajuste sazonal.

Confiança da indústria gaúcha se recupera parcialmente

De julho para agosto, o Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) avançou 4,0 pontos, atingindo 54,7. Essa foi a maior alta desde junho de 2016 (+4,2 pontos), insuficiente, porém, para recuperar as perdas decorrentes da crise dos transportes, ficando abaixo do patamar de maio (56,6 pontos). O avanço da confiança no mês refletiu tanto as avaliações dos empresários sobre o momento atual, que ficou “menos pior”, quanto as expectativas para os próximos meses, que ficaram mais otimistas. O ICEI/RS varia de 0 a 100 pontos, sendo que valores acima de 50 indicam empresários confiantes.

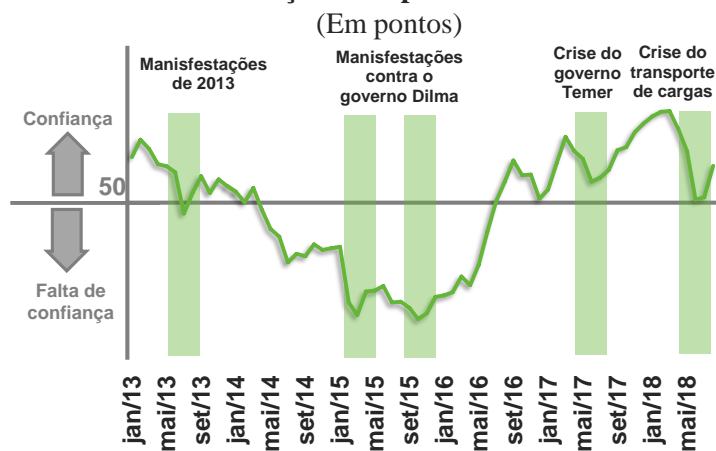
De fato, apesar do crescimento de 45,1 para 48,6 pontos entre julho e agosto, o Indicador de Condições Atuais (ICA) manteve-se abaixo dos 50 pontos, mostrando que os empresários gaúchos ainda percebem piora nos últimos seis meses. A situação econômica brasileira continuou sendo o componente de pior avaliação, mas mostrou o maior crescimento no mês, com a marca de 44,4 pontos, 4,8 acima do mês anterior. Em relação às condições atuais das empresas, o índice marcou 51,0 pontos em agosto, 3,0 a mais do que julho, voltando, após dois meses, a denotar melhora.

Em relação aos próximos seis meses, o Índice de Expectativas (IE) cresceu de 53,4 em julho para 58,0 pontos em agosto, o que indica otimismo, próximo ao nível pré-crise (57,9 pontos em maio). As expectativas dos empresários gaúchos com relação à economia

brasileira passaram de pessimistas em julho (44,9 pontos) para otimistas em agosto (50,8 pontos), ainda que esse otimismo seja muito baixo. Já as perspectivas para as próprias empresas ficaram mais otimistas: o índice subiu 3,9 pontos, para 61,7.

Com a dissipação dos efeitos da crise dos transportes de carga, a confiança da indústria gaúcha foi em boa parte recuperada em agosto, repetindo o padrão de choques recentes, como nas manifestações de 2013 e nas crises dos governos Dilma (2015) e Temer (2017). Todavia, a incerteza crescente em razão da grande indefinição das eleições presidenciais, somada a um quadro de fraqueza econômica, elevado desemprego, crise fiscal e turbulências no cenário externo, deve limitar a recuperação da confiança nos próximos meses.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS



Fonte: FIERGS.

Com melhora das expectativas, intenção de investir volta a crescer

A Sondagem Industrial do RS de julho, pesquisa de opinião empresarial realizada pela FIERGS, mostrou aumento da produção, estoques ajustados e redução do emprego. Para os próximos seis meses, a indústria gaúcha projeta maior demanda e investimentos.

O indicador de produção passou de 53,5 em junho para 52,7 pontos em julho. Acima de 50, ambos indicam crescimento ante o mês anterior, enquanto a queda na passagem mensal revela que esse aumento foi menor em julho do que em junho. De forma inversa, o indicador de emprego cresceu de 47,0 para 47,4 pontos no mesmo período, sinalizando que o emprego caiu em julho com menor intensidade do que a verificada no mês anterior, já que ambos estão abaixo dos 50 pontos.

A Utilização da Capacidade de Instalada (UCI) aumentou dois pontos percentuais e fechou julho em 69%. Apesar disso, ficou mais distante do usual para o mês na avaliação dos empresários. De fato, o indicador de UCI em relação usual, que considera a UCI comum para o mês, foi de 42,5 pontos em julho. Em junho, estava em 43,7 pontos, mais próximo, portanto, dos 50 pontos que denotam o nível usual de UCI.

Ainda de acordo com a Sondagem Industrial do RS de julho, o índice de evolução mensal dos estoques de produtos finais ficou em 51,2 pontos e o índice que os

mede em relação ao planejado ficou em 50,5 pontos. Ou seja, os estoques de produtos finais cresceram em relação a junho, mas dentro do previsto pelas empresas.

A Sondagem mostrou também que a indústria gaúcha aumentou o otimismo em relação à demanda nos próximos seis meses: o indicador subiu de 57,2 pontos, em julho, para 60 em agosto. O de compras de matérias-primas foi de 54,6 para 55,4 pontos no período. Quanto maior a distância acima dos 50 pontos, mais disseminada entre os empresários é a previsão de crescimento. Já o índice de expectativa de emprego também cresceu de 49,2 para 50,3 pontos, porém, com a proximidade dos 50 pontos, a indicação é de estabilidade nos próximos seis meses. A exceção foi a menor expectativa de crescimento das exportações: o índice alcançou 55,2 pontos em agosto, redução de 1,9 pontos em relação ao mês anterior.

Por fim, o indicador de intenção de investimentos voltou a crescer depois de três quedas seguidas, ficando em 51,8 pontos em agosto ante 47,2 pontos em julho. O indicador varia de zero a cem pontos. Quanto maior, mais disseminada entre as empresas é a intenção, que é predominante quando fica acima de 50 pontos. De fato, em agosto, a parcela de empresas dispostas a investir foi de 52,5%. Já 47,5% não tinham tal pretensão.